

REPORTAGEM ESPECIAL

MARCELO PREST



Carolina não sai mais de casa sozinha e teme que as ameaças por mensagem se concretizem

ASSÉDIO GANHA NOVA ARMA NO MUNDO DIGITAL

Perseguidores agora usam internet para atormentar vítimas

✉ **KATILAINE CHAGAS**
kchagas@redgazeta.com.br

Faz quatro anos que Simone terminou o namoro. E faz quatro anos que ela não sabe o que é dirigir sem a sensação de estar sendo seguida, sem passar a semana com diversas tentativas de telefonema e aproximação por e-mail, sem o medo de que o ex, mais uma vez, apareça na porta do seu trabalho insistindo para manter contato.

Leandro não sabe quem é a pessoa que há (também) quatro anos o persegue. São e-mails, cartas e “presentes” pelos Correios, todos entregues no local de trabalho. As mensagens mostram os locais onde ele está e questionam assuntos pessoais, como família, namoro e religião. Joana recebia ligações do ex-marido de cinco em cinco minutos, com ameaças e declarações obcecadas de

“

É perguntar para a vítima: 'ela se sente perseguida?' Com a resposta dela, você vai saber se é perseguição”

— **LEONARDO PACHECO**
ADVOGADO

amor. Onde ela estivesse, ele aparecia. Até o dia em que a ameaça culminou no atropelamento do novo companheiro dela, hoje internado.

Essas três pessoas, cada uma

com suas particularidades, são ou foram vítimas de stalkers ou, como ainda é pouco conhecido no Brasil, perseguidores persistentes.

“Uma boa definição é perguntar para a vítima: ‘ela se sente perseguida?’ Com a resposta dela, você vai saber se é perseguição ou não. É o mesmo quando a gente fala de assédio. A vítima se sente assediada? Se ela se sente, tem grandes chances de ser asséδιο”, explica e compara o especialista em direito digital Leonardo Pacheco, que carrega na experiência inúmeros casos de pessoas vítimas de perseguição, principalmente pela internet. “É uma vigilância constante, isso é uma violência psicológica”, acrescenta.

A internet adicionou fator tecnológico a esse tipo de ação. “Facilitou muito a vida dessas pessoas porque

“

A internet facilitou muito a vida dessas pessoas porque elas conseguem muita informação”

— **GILBERTO SUDRÉ** PERITO
EM COMPUTAÇÃO FORENSE

elas conseguem muita informação. E as vítimas ficam assustadas porque parece que a pessoa está próxima a ela. É uma vida sempre olhando sobre os ombros, com medo”, diz Gil-

berto Sudré, perito em computação forense.

Uma das crueldades desse tipo de violência é a constante espera pelo pior. As vítimas nunca sabem o que pode acontecer, até que, o que se teme, acontece. Foi o caso de Joana, atropelada junto com o novo companheiro pelo seu ex-marido, depois de um ano e três meses de ligações, mensagens e ameaças. “Ao mesmo tempo que ele fala ‘não quero nada com você’, ele manda mensagem e diz que me ama e que eu sou a mulher da vida dele”, lamenta Joana.

Psicólogos, delegados e outros profissionais entrevistados afirmaram não haver um perfil médio que caracterize tanto vítimas quanto agressores, como gênero, orientação sexual e classe social.

Mas no Brasil, para alguns casos, um componente his-

tórico e social se faz presente. A própria Joana é exemplo disso. Antes do atropelamento, ela já possuía uma medida protetiva contra o ex-marido com base na Lei Maria da Penha, que protege mulheres vítimas de violência doméstica.

“A gente precisa levar em consideração que tem uma força na nossa sociedade que carrega algumas características machistas mesmo, de diferença de gênero entre os homens e as mulheres”, diz a psicóloga Juliana Bressanelli Lora, também psicanalista e mestre em estudos psicanalíticos. Ela ressalta que esse não é “100% dos casos”.

DESAMPARO

Não à toa, quem é alvo desse tipo de agressão se sente desamparado, seja pela falta de empatia de (alguns) amigos e parentes que não levam a sério as reclamações, seja pela falta

de respaldo legislativo ou policial para algumas dessas situações.

“A impressão geral é de que é um cara chato. Mas ao mesmo tempo você fica com medo porque não sabe do que essas pessoas são capazes. E quando você comenta com as pessoas, elas acham que é bobeira”, relata Diana, que virou alvo de um perseguidor na internet após aparecer grávida na capa de uma revista.

“É um problema social. As pessoas pensam: ‘tenho que correr atrás de esturpador, de assassino’. Já vi casos em que acharam que se a mulher está sendo perseguida é porque ela fez algo”, completa o advogado Leonardo Pacheco.

Não existe no país crime de “perseguição persistente”. Dependendo do caso, ele pode ser qualificado como um tipo de contravenção penal ou ameaça, quando quem faz o atendimento na delegacia interpreta como grave a situação.

O superintendente de Polícia Especializada do Estado, Josemar Sperandio, avalia que não há necessidade de mudanças no Código Penal: “Eu não vejo lesividade na conduta”. Nem dano psicológico? Há quem desenvolva depressão por causa disso, questionou a reportagem. “Aí alguém vai ser penalizado porque o outro desenvolveu depressão? Acho que é preciso analisar cada caso. A perseguição tem que ter finalidade, tem que ter uma série de outras coisas. Não é a perseguição pela perseguição”, avalia o delegado.

Cada história à sua maneira, com consequências físicas ou não, guarda suas dolorosas peculiaridades. Num momento de bem-vinda mas nem sempre presente empatia, amigo que viu de perto o caso de um dos alvos observa com lucidez: “Só sabe a gravidade quem está passando por isso. Pode até não chegar a uma atitude extrema. Mas a gravidade é a mesma, de a pessoa não se sentir confortável, de se sentir ameaçada. Nesse caso, as histórias são todas iguais”.

Os nomes das vítimas foram modificados por questão de segurança. Já a idade e a profissão não foram reveladas.

ATAQUES PÚBLICOS



“ELE FAZ ISSO TANTO PARA ME ATACAR QUANTO PARA ME ELOGIAR. É UMA PERSEGUIÇÃO CLARA”

Bianca

Denunciou colega de trabalho depois de anos de ofensas públicas e abordagens pessoais

“A gente tem uma relação de trabalho desde 2013. Muitas vezes tive uma posição de liderança de representante sindical, junto com outros colegas, mas essa pessoa era muito focada em mim. Desde as piadinhas de mau gosto até as mais pesadas de te chamar

para um motel, de fazer insinuações lascivas, tipo “eu sou ruim mas você bem que gosta”. Já me mandou mensagens. Tudo ele fazia para chamar a minha atenção, principalmente, em espaços onde há plateia. Às vezes a pessoa tem uma admiração tão grande que não conse-

gue lidar com isso. É uma perseguição clara, todo mundo sabe. E ele faz isso tanto para me atacar quanto para me elogiar. A relação de trabalho hoje é péssima. Não quero ouvir as grosserias, as insinuações. Não sei se ele chegaria a uma agressão física, mas ele é muito grosseiro.

VIGILÂNCIA CONSTANTE

“ELA FICA VIGIANDO TUDO O QUE VOCÊ FAZ”

Alice

Vítima da ex de seu companheiro

“É um inferno. A pessoa fica ameaçando te bater, fica te vigiando, tudo o que você faz no Facebook, com quem que você fala. Quando você vê, a pessoa sabe tudo da sua família. Aí você fica meio paranóico. Ela deve ter fuçado post a post até descobrir. Começou me mandando mensagens, dizendo que ia acabar comigo. No co-

meço ela queria que eu parasse de fazer. Isso já faz um ano e ela continua. Hoje ela manda mensagem para pessoas próximas a mim dizendo que vai me bater. Você fica com um pouco de medo mesmo.”



AMEAÇAS

“ELE NUNCA ME DEIXOU EM PAZ”

Joana

Foi atropelada pelo ex-marido depois de um ano de perseguição

“Ficamos casados por sete anos. Estamos separados há um ano e três meses. E em um ano e três meses sempre me perseguindo, nunca me deixou em paz. Ele ficava me vigiando de algum lugar. Eu pensava que a qualquer momento ele poderia aparecer. Ele parava os vizinhos da rua e falava o tempo todo ‘vou matar aquela des-

graça, vocês vão ver’. Eu não durmo, ele fala que eu tenho que sair dessa casa. Que se eu não sair dessa casa, ele vai me pegar. Ele sabe onde é que eu estou, mas eu não sei onde ele está. Eu já sabia que ele ia passar com o carro em cima de mim e do meu namorado. Eu vi que ele continua solto. Não foi preso depois do atropelamento.”

OBSESSÃO

“ANDO COM MEDO”

Simone

Ela teme a raiva do ex

“Namorei por seis anos. Ele não era ciumento, não demonstrava ser possessivo. Passamos um ano namorando à distância, até que descobri uma traição e terminei o namoro. Depois de um mês, ele começou a ligar. Ele me ligava de cinco em cinco minutos, pedia para as pessoas me ligarem. Parei de usar telefone e não tenho mais celular pessoal. Uso só o do trabalho e criei outro e-mail.

Ele começou a vir ao meu serviço. Muitas pessoas me incentivaram a denunciar porque ele ficava na porta do meu serviço me chamando para jantar e sair. Ele sempre me manda e-mail. Às vezes respondo. Nunca o denunciei porque tenho medo dele ficar com raiva e fazer alguma coisa. Sempre ando com medo. Se eu vejo uma moto perto do meu carro, eu acho que é ele ou alguém que ele enviou. Acho que alguém vai me dar um tiro.”

XINGAMENTOS E AMEAÇAS

“SÓ QUERO PAZ. QUERO MEU IR E VIR DE VOLTA”

Carolina

Alvo de perseguição e de ameaças de ex-colega

“Um dia ela veio me cobrar que eu estaria falando mal dela e ligou me xingando. Ela continuou a mandar mensagens me xingando e me ameaçando. Isso durou meses. Ela e outra pessoa se juntaram e ficavam me mandando mensagens, ligaram para pessoas da minha família. Eu rezava muito e pedia muito a Deus para que isso acabasse. Ficaram me perturbando por meses. Passou mais de um ano até que voltaram a

me ligar. E as mensagens não paravam de chegar. Pensei: ‘Meu Deus, vai começar tudo de novo’. Até que uma familiar me alertou que ela estava me ameaçando. Fui à polícia e registrei um boletim de ocorrência. Não sei se ela soube, mas depois disso, as ameaças e as ligações pararam. Não vou mais sozinha para o trabalho. A única coisa que quero dessa pessoa é que me deixe em paz. Quero meu ir e vir de volta.”



REPORTAGEM ESPECIAL

“SE SENTIU MEDO, NÃO IGNORE”, DIZ PSICÓLOGA

Se o silêncio não impedir a continuação das ações, denuncie

✎ KATILAINE CHAGAS
kchagas@redgazeta.com.br

Uma dúvida é comum entre as pessoas que relatam ser vítimas de perseguição persistente, mas que não sofreram ataque físico, é sobre como proceder: ignorar ou responder?

Isso vai depender de cada caso, mas o medo pode ser o norte para alguma atitude. “Se aparece o medo, não ignora. Sentiu que tem alguma coisa errada, não ignora”, diz a psicóloga e psicanalista Juliana Bressanelli Lora, mestre em psicanálise.

Num primeiro momento, quando a situação ainda é mais marcada pelo incômodo do que pelo medo, a orientação é primeiro impor limites e depois não dar atenção.

“Ignorar. Isso vale para qualquer coisa, qualquer tipo de mania. Eu como profissional recomendo não responder. Nem se forem duas, nem se forem 30 mensagens. Quanto mais mensagens ou ligações, menos você deve responder, porque o indivíduo é maníaco”, diz Aurélio Melo, professor de psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A estratégia de num primeiro momento ignorar é porque o perseguidor pode interpretar que, depois de um número “X” de tentativas de contato, ele vai saber que terá algum retorno, ainda

que seja para brigar. “Ele no raciocínio dele, na loucura dele, a estratégia dele é eficiente”, diz o professor.

Se isso não funcionar, a orientação é mesmo procurar ajuda policial e judicial.

Ambos os profissionais reforçam que é preciso analisar cada caso para explicar o comportamento perseguidor. Mas eles dão alguns exemplos.

“Se vai além de espiar, pode ser portador de algum transtorno. Por exemplo, alguns casos de psicopatia ou de perversão”, diz o professor.

A psicóloga dá o exemplo da erotomania, quando o perseguidor crê que possui alguma relação amorosa com a pessoa perseguida.

O especialista em segurança pública Eduardo Pinheiro Monteiro aconselha a procurar a polícia mesmo ante o menor sinal de perseguição. Se ocorrer em via pública, acionar a Polícia Militar. Se for pela internet, imprimir todas as provas possíveis e registrar.

PSICOPATA

“Se vai além de espiar, pode ser portador de algum transtorno. Por exemplo, alguns casos de psicopatia”

AURÉLIO MELO
Professor de Psicologia



Pessoas usam a internet e as redes sociais para levantar dados e perseguir vítimas

Perseguidores podem ser denunciados por perturbação

✎ Na falta de uma especificação penal que cubra casos de perseguição persistente, dependendo da gravidade da ação, o caso pode ser enquadrado no artigo 65 da Lei das Contravenções Penais, explica a delegada Larissa Lacerda, titular da Delegacia de Repressão aos Crimes Eletrônicos.

O artigo prevê prisão de 15 dias a dois meses ou multa para quem “molestar

alguém ou perturbar-lhe a tranquilidade, por acinte ou por motivo reprovável”.

Ela diz que se o caso for mais grave, pode ser caracterizado como ameaça e crime contra a honra. “Quando chega a alguma violência física, vai para outra unidade policial”, detalha a delegada.

Pelas características dos casos que chegam à Delegacia de Repressão aos Crimes Eletrônicos, não há

um perfil fechado de vítima e agressor. “Geralmente é de algum relacionamento anterior. Recebo todo tipo de relacionamento”, diz.

“Criam perfis falsos, expõem fotos das pessoas. Essa perseguição pode ser pelo Facebook e pelo WhatsApp”. Geralmente, tiram fotos de onde a pessoa está e mandam dizendo: ‘sei onde você está, o que está fazendo, sei seus passos’, relata.

VITOR JUBINI-04/02/2015

PADRÃO



“O policial tem padrão de atendimento para os casos. Ouve, orienta. Se for o caso de registro, registra”

JOSEMAR SPERANDIO
Superintendente de Polícia

REDES SOCIAIS



“Criam perfis falsos, expõem fotos das pessoas. Essa perseguição pode ser pelo Facebook e pelo WhatsApp”

LARISSA LACERDA
Delegada

Vítimas reclamam de desamparo da polícia

✎ Quem é alvo de perseguidores persistentes, além do medo, sente também desamparo quando precisa buscar a força policial, por não ser um tipo de ação que, em muitos casos, não é caracterizado por violência física ou que, num primeiro momento, não represente um aparente perigo real.

“Registrei um boletim de ocorrência em agosto

de 2014. Embora tenha ouvido da recepcionista da delegacia que eles não iriam investigar o meu caso tão cedo, ‘pois tem muito crime importante na frente’, eles me deram um prazo de 20 dias para receber um retorno da polícia. Já estamos em 2016 e nada foi feito”, relata Leandro.

As mensagens anônimas começaram em 2012. “Mudei minha rotina, tranquei

SEM RETORNO

“Eles me deram um prazo de 20 dias para receber um retorno da polícia. Já estamos em 2016 e nada foi feito”

LEANDRO
Alvo de perseguição

minhas redes sociais, meus amigos vivem em alerta. O meu maior medo é ser prejudicado por alguém que não se identifica”, lamenta.

Alice denunciou ano passado a mulher que faz ameaças constantes a ela pelas redes sociais. “O BO está lá em casa até hoje e não deu em nada”, diz.

Joana fez 18 denúncias contra o ex-marido que a seguia e a ameaçava por

telefone e por mensagens até ser atropelada por ele.

O superintendente de Polícia Especializada do Estado, Josemar Sperandio, explica o atendimento no Estado. “O policial tem seu padrão de atendimento para todos os casos. Ouve, orienta. Se for o caso de registro, registra. Existem registros que dão margem, motivo, à atividade policial, investigação e inquérito.

Outros registros são meramente para resguardo da pessoa, afirma o delegado.

Ele acrescenta que o registro pode servir de prova contra alguém no futuro. “A questão é que se houver justa causa, a Polícia Civil vai fazer a sua parte”, diz o delegado. “Se for crime, é crime. A polícia vai fazer alguma coisa. Se não for, a polícia vai registrar”, conclui.